

RETORNO E RETORNADOS- UM NÃO LUGAR, UM NÃO ESTAR

Eliana da Conceição Tolentino¹

Resumo: A independência dos países de África, colonizados pelos portugueses, ocorreu concomitante à Revolução dos Cravos, o que provocou o retorno de quase meio milhão de portugueses. Este trabalho pretende uma leitura de *Cadernos de Memórias Coloniais* (2010), de Isabela Figueiredo e de *O Retorno* (2012), de Dulce Maria Cardoso, atentando para as consequências e o lugar que não cabia aos retornados de África na sociedade portuguesa dos 1970. Para diálogo com o texto literário, busca-se apoio teórico em Beatriz Sarlo (2007), Gagnebin (2009), Hall (2003), entre outros.


Palavras-chave: Retornados; África; Portugal

A narrativa de uma nação, autenticada pela tradição dos signos que a instituem como comunidade imaginada, regula discursos, institui monumentos e documentos e elege a nação como centro. Quando se refere a Portugal, esse discurso do centro fica ainda mais evidente se se levar em conta a concepção do país como império. Portugal teve um império colonial por muito tempo e dentre todas as explicações, Boaventura de Souza Santos (2004) chama atenção para o fato de que um país semiperiférico na Europa possibilitava o trânsito entre as grandes potências e as colônias portuguesas. Portugal permitia dessa forma que outras nações pudessem explorar o potencial das riquezas naturais de suas colônias. (SANTOS, 2004, p.132)

Portugal, pelo seu “caráter semiperiférico”, não adotou um “neocolonialismo hegemônico”, afirma Boaventura Santos e ‘não pôde ou não quis controlar o processo da independência como o fizeram as potências coloniais centrais, mas é também duvidoso que o pudesse controlar mesmo que o quisesse.’ (p.131) Consequência desse “abandono”, houve a disputa das colônias portuguesas em África por outras potências colonizadoras que financiaram a Guerra Civil.

Levantamos a hipótese, portanto, de que a descolonização configura-se traumática para Portugal e evidentemente para os países de África. Muito se tem questionado se o termo descolonização seria adequado, apontando para as

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFMG. Pós-doutoranda na USP com o projeto “Memórias e Pós-memórias coloniais em Portugal e África”, sob a supervisão do professor Paulo Fernando da Motta Oliveira. Professora da UFSJ. Contato: elianat@ufs.edu.br




consequências de uma saída portuguesa que “se desculpabiliza” diante da exploração e dominação e transfere o poder, nas antigas colônias em África, para as então potências mundiais: EUA e URSS.

Como consequência da descolonização e desocupação das colônias portuguesas em África houve uma leva de pessoas que foram para Portugal, os retornados, aquele quase meio milhão de portugueses que estavam em África durante o período de colonização e após a queda da ditadura salazarista, da libertação dos países de África, regressaram para Portugal. Eram adultos que por muito tempo viveram fora do seu país, ou mesmo jovens e crianças que nasceram no continente africano sem nunca ter estado na metrópole. Voltavam sem uma situação econômica estável, voltavam sem condições materiais de sobrevivência, alguns sem família, sem referências. Assim como o termo “brasileiro torna-viagem” no século XIX tinha um sentido pejorativo, o termo “retornado” representava para muitos, aquela pessoa que vinha tirar os direitos dos portugueses que em Portugal sempre estiveram, vinha roubar-lhes o emprego, era uma pessoa vista como aventureira, exploradora de terras africanas e apresentava costumes e comportamentos diferentes perante a sociedade.

em Portugal reflecte-se pouco sobre o papel dos portugueses enquanto colonizadores e, especificamente, sobre a sua responsabilidade no desequilíbrio das relações raciais entre brancos e negros, bem como sobre a sua responsabilidade na criação e na persistência do racismo. (...) porque não nos é ensinado na escola que existiu em Angola e em Moçambique um *apartheid* alimentado por Portugal? Porque insistimos num olhar benevolente sobre um Portugal que não hesitou em promover o trabalho escravo até 1974? Vamos perpetuar a narrativa de um colonizador que não discriminava porque se miscigenou com as populações locais, quando sabemos que as obrigava a despirem-se da sua identidade africana, a mudar de nome, a alisar o cabelo ou a obliterar a sua língua? (HENRIQUES, 2016, p. 11-15).

Justamente quando se fazia 40 anos da saída de Portugal do continente africano, após o 25 de Abril, essas são as palavras de Joana Gordão Henriques na introdução de seu livro *Racismo em portugueses: o lado esquecido do colonialismo* (2016). Joana Gordão, jornalista que esteve presente na FLIP 2017(Festa Literária Internacional de



Paraty), nasceu em Lisboa em 1975, e as discussões que apresenta nesse livro são resultados de cinco reportagens realizadas entre 2014 e 2015 e publicadas no jornal português *Público*. Henriques procurou investigar sobre o racismo nos cinco países que foram colônias de Portugal em África por quase quatro décadas.

Essa nova geração de portugueses aponta para a consciência do papel da colonização. Em várias áreas, essa geração de herdeiros de uma memória que os faz se envergonhar de seu país vem escrevendo sobre os de lá, os de cá e os que de lá voltaram após a “descolonização.” O pós-74 resultou numa produção literária significativa e para Eduardo Lourenço era —Como se nesse momento, quer dizer, depois de 75, entre 75 e 80, em Portugal, a consciência portuguesa, a imaginação portuguesa, o imaginário português quisessem desenhar um outro mapa. (LOURENÇO, 2004, p. 349).

A cineasta Margarida Cardoso reflete sobre os portugueses retornados dos países de África:


Não sou nostálgica, mas o empurrar as coisas, ver as nossas mobílias a ir para os barcos, marca. Pensaram que iam ter um lugar na sociedade, que não tiveram. A História é assim, é má e injusta. Há um trauma interno que é hereditário, que passa de pais para filhos. É uma mágoa que não passa, que não está resolvida. (...) Leva a que muitos pensem que isto não é a terra deles, há um desprendimento, ainda que com percepções diversas. Eu, emocionalmente, continuo a ter uma coisa difusa, não era de lá, nem sou daqui,²

Também Valter Hugo Mãe, que nasceu em Saurimo, antiga Henrique de Carvalho, na Lunda Sul, no Norte de Angola, filho de portugueses, foi para Portugal com dois anos. Sobre sua relação com África e Portugal ele afirma:

Como nasci em Angola, também me lembro de passagens em que me rejeitaram por ter vindo da —terra dos pretos, coisa que me ofendia. Chamavam-me preto e eu ficava muito surpreendido. Num certo sentido, acho que gostava muito de ter nascido negro por glorificação desse lugar onde nasci. Mas nasci branco. Nada a fazer em relação a isso.³

² C.f. <<http://www.publico.pt/temas/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>>. Acesso em 05/03/2016.

³ C.f. Entrevista à Marília Kodic. *Revista Cult*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/valter-hugo-mae-tem-novo-romance/>>. Acesso em 10/02/2016.



Sinceramente, genuinamente, tenho dificuldade em lidar com os que desprezam a magnificência de África, mas também com aqueles que dizem a palavra África e choram e têm associações e objectos. Estou entre as duas coisas. Tenho dificuldade em dizer que não sou angolano, mas não mas não posso falsear quem sou, não posso de repente ser mais angolano do que sou.⁴

Intento destacar aqui o papel que os retornados desempenham no sentido de questionar o império português, o retorno, a não aceitação dos retornados e o não lugar que ocupam em Portugal como filhos de um de império que ruiu, como filhos de colonizadores, puderam ter uma visão crítica dos pais, aqueles portugueses que subjugavam os africanos, que os dominaram por quase quarenta anos.


Também obras como *Rudolfo* (1985), de Olga Gonçalves, *As Naus* (1988), *O Esplendor de Portugal* (1997), de António Lobo Antunes, *Partes de África* (1991), *Pedro e Paula* (1999), de Helder Macedo e *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2012), tratam dessa questão bastante provocativa para Portugal - os retornados.

Essa literatura pós-25 de abril, portanto, presta-se a um ajuste de contas de um sujeito expatriado, confronta a comunidade imaginada, o Outro e a diferença. Nesse sentido, as articulações das diferenças, dos retornados, das memórias criadas e herdadas devem ser lidas a partir dessa presença do Outro. Mas não se pode deixar de olhar também que essa é uma via de mão dupla e a colonização bem como a descolonização reorganizam as nações.

É importante destacar o trânsito de escritores de África para Portugal e mesmo de escritores portugueses para África, alguns abdicando mesmo da nacionalidade portuguesa como Luandino Vieira, Ruy de Carvalho, por exemplo. Esse trânsito, desde sempre presente nesse movimento de colonização/descolonização, aponta para uma fluidez identitária.

E é evidente que, a despeito das questões econômicas e políticas a constituição identitária do império português se viu abalada. Boaventura Santos (2004) discute como a imagem de Portugal como centro acabou por reforçar uma imagem da sua situação periférica. Se por um lado, ao longo da história essa imagem é reforçada no sonho do

⁴ C.f. <<http://www.publico.pt/temas/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>>. Acesso em 05/03/2016.



Quinto Império, pela utopia dos descobrimentos e pela Revolução dos Cravos, por exemplo, por outro, diferentes imagens surgem desconstruindo e desestruturando um imaginário político-cultural.

A colonização permitiu que o espelhamento refletisse uma imagem de Portugal pulverizada. Sabe-se que a identidade é mutável, negociada, transitória e em constante transformação e o contado com o colonizado já há muito tempo havia transformado a visão de centro de Portugal. Para Boaventura Santos (2004) a cultura portuguesa tem a forma fronteira e isso lhe dá um caráter acêntrico que “se traduz numa dificuldade de diferenciação face ao exterior e numa dificuldade de identificação no interior de si mesma.” como défice de uma fraqueza da hegemonia cultural por parte das elites” e assim as colônias, os “diferentes localismos culturais dizem mais sobre a cultura portuguesa do que a cultura portuguesa sobre eles.” (p.134) Dessa forma a cultura portuguesa é de fronteira, é “o estar na fronteira”, nos dizeres de Boaventura Santos. Mas se essa fronteira é *border*,” é uma cultura de fronteira, não porque para além de nós se conceba o vazio, uma terra de ninguém, mas porque de algum modo o vazio está do lado de cá, do nosso lado. Sendo assim, a identificação “no seu nosso trajecto histórico cultural da modernidade fomos tanto o Europeu como o selvagem, tanto o colonizador como o emigrante. A zona fronteira é uma zona híbrida, babélica, onde os contactos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco susceptíveis de globalização.” (p.134)

No livro *O Retorno* (2012) de Dulce Maria Cardoso, por exemplo, o narrador adolescente Rui é um retornado de Angola que, nos anos 1970, reflete sobre sua chegada e seu não-pertencimento. Inicialmente, assim como todos os retornados, a família é hospedada em um hotel, mas nos espaços que percorre vai tomando consciência de sua situação.

Estavam lá [no hotel] retornados de todos os cantos do império, o império estava ali, naquela sala, um império cansado, a precisar de casa e de comida, um império derrotado e humilhado, um império de que ninguém queria saber (CARDOSO, 2012, p. 86).

Acreditam que os pretos nos puseram de lá para fora porque os explorámos, perdemos tudo mas a culpa foi nossa e não merecemos estar aqui num hotel de cinco estrelas a sermos servidos como éramos lá. Os empregados preferem servir os pretos que nem nos talheres sabem pegar a servi-nos a nós, acham que os pretos são vítimas que ao fim de cinco séculos de opressão ainda tiveram de fugir da guerra (CARDOSO, 2012, p. 91-92).

Dulce Maria Cardoso assim se expressa:

Vim de Angola já na ponte aérea. Era a mais nova da família, tinha 11 anos, e os meus pais mandaram-me para uns avós em Trás-os-Montes que eu não conhecia. (...) Chorei dias a fio, mas o nosso sentimento de sobrevivência é muito forte e eu percebi que não podia continuar assim. (...) Fui a minha primeira personagem. Comecei a ler uns livros de aventuras e comecei a imaginar-me naquelas aventuras. Percebi que é assim que se contam histórias, imaginando outras realidades. (...) A Leitura é verdadeiramente libertadora de contextos pouco interessantes. (...) Ler permite ainda pensar com a cabeça dos outros⁵


Descendestes daquela geração que lá esteve esses jovens retornados herdaram uma memória que lhes foi passada pela narrativa, pelas fotografias, pelas vivências que lhes surgem em lembranças às vezes turvas e confusas. São, portanto, herdeiros de uma pós-memória. O termo de pós-memória refere-se preferencialmente às memórias herdadas da Segunda Guerra Mundial. Foi a norte-americana Marianne Hirsch quem cunhou o termo ao publicar em 1990 um artigo sobre *Maus*, de Art Spiegelman.

Pós-memória descreve a relação que a “geração posterior” tem com a anterior, aquela que vivenciou um trauma pessoal, coletivo e cultural, experiências essas que são apenas lembradas pelas histórias, imagens e comportamentos entre os quais a geração posterior cresceu. Mas essas experiências são transmitidas para a geração posterior tão profunda e afetivamente que parecem constituir as suas próprias memórias. A conexão da pós-memória com o passado, portanto, não é mediada no presente pela recordação, mas pelo investimento imaginativo, projeção e criação.”(HIRSCH, 2012, p.5)⁶

Embora o termo esteja originalmente ligado à Segunda Guerra Mundial, recorro a esse conceito para pensar a memória daquela geração herdeira da colonização e Guerra de Libertação em África. Nesse sentido, *O Retorno* de Dulce Maria Cardoso e o livro de Isabela Figueiredo *Caderno de Memórias Coloniais*, por exemplo, apontam para esse

⁵ Cf. A língua portuguesa é de todos. *Jornal Tribuna de Macau*, 13 de março de 2013. Disponível em <<http://jtm.com.mo/local/lingua-portuguesa-e-de-todos/>>. Acesso em 05/05/2016.

⁶“Postmemory” describes the relationship that the “generation after” bears to the personal, collective, and cultural trauma of those who came before—to experiences they “remember” only by means of the stories, images, and behaviors among which they grew up. But these experiences were transmitted to them so deeply and affectively as to seem to constitute memories in their own right. Post-memory’s connection to the past is thus actually mediated not by recall but by imaginative investment, projection, and creation. (HIRSCH, 2012, p.5, tradução nossa)



diálogo entre gerações, para a lacuna narrativa e possível e talvez única construção dessa memória, dessa história, desses traumas via ficção.

Como afirma Beatriz Sarlo (2007):


Convém evitar um discurso único sobre a memória e a "pós-memória". Caracterizado pelo lacunar, pelo mediado, pela resistência à totalização e por sua própria impossibilidade, o discurso único da "pós-memória" sempre encontra o que procura e por conseguinte, é monótono em seu descuido programático das diferenças entre relatos. (p.102)

Beatriz Sarlo no capítulo "Pós - memória, reconstituições" de *Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva* observa que a norte americana Marianne Hirsch "chama de 'pós-memória' esse tipo de 'lembrança' [vicária], dando por inaugurada uma categoria cuja necessidade deve ser provada." (SARLO, 2007, p. 90-91).

Mas mesmo caso se admita a necessidade da noção de pós-memória para descrever a forma como um passado não vivido, embora muito próximo, chega ao presente, é preciso admitir também que *toda experiência do passado é vicária*, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, no lugar dos que a viveram de fato. Toda narração do passado é uma representação, algo dito *no lugar* de um fato. O vicário não é específico da pós-memória. (SARLO, 2007, p. 93, grifos da autora).

Sarlo habilita toda e qualquer memória como discursiva, portanto, representação e fragmento, pois "desde o momento em que entraram em crise as grandes sínteses e as grandes totalizações: desde meados do século XX, tudo é fragmentário" (SARLO, 2007, p. 98).

Cadernos de Memórias Coloniais (2010) encena um diálogo póstumo da narradora com o pai que vivera em Moçambique, ela agora uma "desterrada", busca nesse diálogo não o desculpar-se pela colonização, muito pelo contrário, corajosamente assume a responsabilidade: "Um desterrado como eu é também uma estátua de culpa. E a culpa, a culpa, a culpa que deixamos crescer e enrolar-se por dentro de nós como uma trepadeira incolor, ata-nos ao silêncio, à solidão, ao insolúvel desterro." (FIGUEIREDO, 2010, p. 134). Como geração que herda uma Guerra Colonial, uma ditadura, um 25 de Abril, como descendente dos retornados, a narradora insere-se nessa



pós-memória marcadamente lacunar, silenciosa, fragmentária, um peso que se herda, um fardo que se carrega.


Levando em conta uma rearticulação das identidades portuguesas e africanas pelo que têm de interrelações, pondo a conviver as diferenças num contexto moderno e contemporâneo, esse contexto se reformula

um vínculo nacional classista, racial, étnico e sexual. Tal reformulação é exigida pela verificação de fenómenos convergentes ocorrendo nos mais díspares lugares do sistema mundial: o novo racismo na Europa; o declínio geral da política de classe, sobretudo evidente nos EUA, onde parece substituída pela política étnica do multiculturalismo ou pela política sexual dos movimentos feministas; os movimentos dos povos indígenas em todo o continente americano, quer contestam a forma política do Estado pós-colonial; o colapso dos Estados-Nação, (SANTOS, 2004, p.127)

Marcada por uma vivência de fronteira e na fronteira, tanto em Moçambique quanto em Portugal, a narradora de *Cadernos*, entretanto, ocupa um lugar privilegiado, um não-lugar, que lhe possibilita uma visada crítica e revisionária. (BHABHA, 1998, SANTOS, 2004, 2006). Ela afirma: “A minha terra havia de ser uma história, uma língua, um corpo enterrado na esperança, uma ideia miscigenada de qualquer coisa de cultura e memória, um não pertencer a nada e a ninguém por muito tempo, e ao mesmo tempo poder ser tudo.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 87)

Os livros têm um cunho autobiográfico muito claro, assim, a memória é um caminho de leitura muito sedutor. O narrador Rui e a narradora, agora adultos, trazem a perplexidade do olhar da criança diante de situações que não compreendiam, mas que se via afetada por elas. O corpo das mulheres brancas e negras e o corpo dos homens negros que sofriam a violência do colonizador aparecem em *Cadernos* de forma bastante contundente. A autora afirma em entrevistas que sofreu críticas à sua narrativa, mas ao mesmo tempo recebeu elogios porque falou por muitos, falou rompendo silêncios. Muitos retornados optaram pelo silêncio, não só porque algumas situações eram mesmo traumáticas, ou mesmo para não sofrerem retaliações da sociedade portuguesa.

Homi Bhabha (1998) em “Locais da Cultura”, ao discutir a emigração e o pós-colonialismo anota a respeito dos interstícios culturais, do “entre-lugar” de um sujeito em percurso. Essa é a situação de Dulce Cardoso em *O retorno* e também de Isabela




Figueiredo em *Cadernos*. “De que modo se formam sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc)? (BHABHA, 1998, p. 20)

Dessa forma, essas literaturas de fronteiras não mais se colocam como culturas nacionais, invenção do século XIX quando as nações nasciam. Num mundo contemporâneo, em que os espaços locais e transnacionais se localizam em espaços fronteiriços e porosos, a literatura é a possibilidade de trocas, de extraterritorialidade, de identidades híbridas, de fluxos e atravessamentos, pois “A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-vem, e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada.” (SANTOS, 2004, p.136)

Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARDOSO, Margarida. In: Retornados uma história de sucesso por contar. 20 de Abril de 2014, 0:00. Disponível em < <https://www.publico.pt/2014/04/20/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>>. Acesso em 05/03/2016.
- CARDOSO, Dulce Maria. *O retorno*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china, Brasil, 2012.
- CARDOSO, Dulce Maria. Depoimentos. In: A língua portuguesa é de todos. *Jornal Tribuna de Macau*, 13 de março de 2013. Disponível em: < <http://jtm.com.mo/local/lingua-portuguesa-e-de-todos/>>. Acesso em 05/05/2016.
- FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 4ª edição. Angelus Novus, Coimbra, 2010.
- HENRIQUES, Joana Gordão. *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo*. Lisboa. Tinta da China, 2016.
- HIRSCH, Marianne. *The Generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust*. Columbia University Press / New York, 2012.
- LOURENÇO, Eduardo. Divagação em torno de Lobo Antunes. In: Colóquio Internacional António Lobo Antunes, Évora, 2002. A escrita e o mundo em António Lobo Antunes (*actas do Colóquio Internacional António Lobo Antunes*). Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- MÃE, VALTER HUGO. Entrevista Marília Kodice, *Revista Cult*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/04/valter-hugo-mae-tem-novo-romance/>>. Acesso em 10/02/2016.
- MÃE, VALTER HUGO. In: Retornados uma história de sucesso por contar. 20 de Abril de 2014, 0:00. Disponível em < <https://www.publico.pt/2014/04/20/jornal/retornados-uma-historia-de-sucesso-por-contar-28145408>>. Acesso em 05/03/2016.



OLIVEIRA, Paulo Motta. O Brasil no imaginário camiliano: algumas variantes. In: Congresso Luso-Brasileiro Portugal-Brasil Memórias e Imaginários, 2000, Lisboa. *Actas do Congresso Luso-Brasileiro Portugal-Brasil Memórias e Imaginários*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. v. II. p. 196-206.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 2003, p. 46-60.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.